



GALLO, Sílvio; SOUZA, Regina Maria de (Orgs.). **Educação do preconceito: ensaios sobre poder e resistência**. 2. ed. Campinas: Alínea, 2016.

Educação do preconceito: ensaios sobre poder e resistência

Cristina Hill Fávero

Universidade do Estado de Minas Gerais

hillfaver@gmail.com

O livro **Educação do Preconceito: ensaios sobre poder e resistência** tem como organizadores Sílvio Gallo e Regina Maria de Souza, que buscaram, junto com autores diversos a construção de uma explanação sobre o trabalho acadêmico como locus de práticas e teorizações diferenciadas. Porém, está exposição sobre as diferenciações ou diferenças que perpassam o trabalho acadêmico, não trazem em seu bojo o delimitar de espaços, o manter e/ou reafirmar discursos e o sustentar práticas. Muito pelo contrário, procuram através da exposição da diferença o combate da conservação do mesmo, do igual, do idêntico a si.

Gallo e Souza, conseguiram nesta obra, que tem origem em colóquios diversos, realizados na Faculdade de Educação da UNICAMP, aglutinar nove pesquisadores, todos com reconhecimento e mérito no campo de conhecimento das humanidades, e estes levantaram pontos fundamentais para a discussão e reflexão sobre racismo, preconceito e exclusão. Os organizadores descrevem a obra como “um livro-exercício de práticas de diferença, de acolhida incondicional. E esse movimento nos faz pensar sobre os modos como nós, humanos, temos nos aproximado daqueles que não são nossos espelhos” (p.12). assim, os autores. Os autores exploram temas, conceitos, discursos e práticas relativos ao outro, a diferença, a pedagogia, a educação.

O livro está dividido em uma introdução da autoria dos organizadores, nove capítulos e prefaciado por Agueda Bernadete Bittencourt. Os capítulos são: Capítulo 1 – “Investigação Visual a Respeito do Outro” de Milton José de Almeida, Capítulo 2 – “A Materialidade da Morte e o Eufemismo da Tolerância: duas faces, dentre as milhões de faces, desse monstro (humano) chamado racismo” de Carlos Skliar, Capítulo 3 – “O Estrangeiro, o Racismo e a Educação” de Caterina Koltai, Capítulo 4 – “E se o Outro é o Professor? Reflexões Acerca do Currículo e Histórias de Vida” de Maria do Carmo Martins, Capítulo 5 – “Sócrates e Foucault Professores:

entre o ensino do já sabido e a busca por ensinar diferentemente” de Walter Omar Kohan, Capítulo 6 – “Nietzsche e Wittgenstein: alavancas para pensar a diferença e a pedagogia” de Alfredo Veiga-Neto, Capítulo 7 – “Infâncias e Cultura: semelhanças e diferenças” de Angel Pino, Capítulo 8 – “O Debate Sobre o Fim da Infância e a Psicanálise: da Pedagogia moderninha à renúncia educativa” de Leandro de Lajonquière, Capítulo 9 – “Pistas em Repentes: pela reinvenção artística da educação, da infância e da docência” de Sandra Mara Corazza. A obra, ao final, apresenta os organizadores e colaboradores com concisos currículos dos autores.

Devido às limitações estruturais próprias de uma resenha, os níveis de apreciação e aprofundamento sobre os conteúdos dos capítulos precisaram ser desiguais. Contudo, tentei empregar abordagem crítica, não em sua totalidade, mas a respeito de aspectos que considero importantes para a compreensão da maneira como alguns dos autores versam sobre a inclusão e o preconceito.

Justifico este procedimento, pois a intenção desta resenha, além cumprir tarefa solicitada por docente do doutorado, é a possibilidade de uso em grupo de pesquisa sobre inclusão e despertar o interesse, o engajamento, nos estudos e discussões sobre a inclusão/exclusão, eu/outro, currículo/currículo oculto, mesmo diante do atual cenário, na qual parte de política e sociedade, se coloquem como pouco promissor para a educação, a ciência e a inclusão no Brasil.

Na introdução do livro, Sílvia Gallo e Regina Maria de Souza, trabalham com a letra da música “O Estrangeiro” de Caetano Veloso¹ (2003), traçam um paralelo entre a música e os temas trabalhados no decorrer do livro. Dividida a música em estrofe e/ou frases vão tecendo conceitos que remetem ao pensar q questões postas na educação e no olhar sobre o outro, como diferente do conhecido. A introdução não oferece apenas a exposição do que virá pela frente, mas adianta algumas reflexões profundas sobre o que está posto nas escolas, nos currículos e nas posturas dos indivíduos que dela fazem parte.

O Capítulo I, Milton José de Almeida, apresenta um percurso histórico da construção do conceito de sujeito e objeto, relacionado ao racismo. No percurso histórico, construído através de da descrição das Exposições Universais e feiras realizadas na França, espetáculos circenses e zoos humanos em diversos lugares da Europa e EEUU, Almeida descreve a todo momento a edificação imagética e real do Diverso, do Distante, do Diferente. Realiza no capítulo a caracterização do que são as distinções entre colonizador e colonizado a partir de apresentação resumida do contexto histórico social, que promoveram as origens do processo de criação de binômios dicotômicos como sujeito/objeto, normal/patológico, civilizado/selvagem. Nesse

¹VELOSO, Caetano. **Letra só**: sobre as letras. Organização e notas de Eucanaã Feraz. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. Letra da música disponível em: <https://genius.com/Caetano-veloso-o-estrangeiro-lyrics>.

contexto apresentado, o racismo é detectado a todo momento e com várias conjecturas “[...] a passagem de um racismo científico para um racismo popular, prático e operante, e deste último para um racismo científico, e vai e volta, e assim por diante: a fabricação de colonialistas e racistas pela indústria da Ciência e da Cultura de massa” (p.42).

Ainda segundo o linguista, nesta construção de sujeito e objetos, estão intrinsecamente a educação e o domínio dos corpos; ou seja, o Europeu colonizador é o sujeito, é o bem e o outro, o diferente, o ser que precisa ser colonizado, é o objeto é o mal. No decorrer da construção histórica realizada por Almeida, observamos a naturalização do comportamento humano, a divisão em grupos a partir de características semelhantes. Assim, tudo o que é diferente/diverso/distante, se torna estranho/excluído/estigmatizado, no passar do tempo o racismo, contra tudo que é tido como inferior, passível de ser escrutinado, estudado e possivelmente modificado, foi culturalmente enraizado em nossa sociedade. O autor enfatizando seu objetivo na construção textual foi de criar um interstício de espaços e tempos onde surgem de “forma científica, política e ‘popular’ à ideia de outro, de estranho, de estrangeiro e seus movimentos e discriminação corporal” (p.59).

No início do segundo capítulo, “A Materialidade da Morte e o Eufemismo da Tolerância: duas faces, dentre as milhões de faces, desse monstro (humano) chamado racismo”, Carlos Skliar, expõe o contexto em que vivenciava no momento da escrita “no meio do princípio do fim da guerra contra o Iraque, no meio do princípio do fim da destruição do Iraque, nomeio do princípio do fim da desapareção ‘(re)construtiva’ do Iraque” (p. 61) e que “a escrita é uma forma de estarmos vivos neste mundo onde muitos outros, neste mesmo instante, não escrevem nem leem porque morrem de fome, morrem na guerra e morrem de desilusão (p. 61-62). No decorrer da introdução do capítulo, Skliar faz reflexão sobre a escrita, guerra e a morte e termina retornando ao tema a ser tratado o racismo. Propõe, então a divisão do capítulo em três: um rápido esboço da ‘questão do outro’, preliminares relativos ao problema da origem do racismo e por último, discutir a absorção da palavra tolerância no discurso e na prática escolar/curricular.

Skliar utiliza dos estudos de Baudrillard e Guillaume, referente a alteridade radical, para discutir a questão do outro e o racismo. Esse outro radical, tão diverso de mim, não assimilável e incompreensível e por isso, a necessidade de apaga-lo e eliminar a alteridade radical. Desta necessidade de extinguir toda a distinção radical, emerge o racismo.

Para Carlos Skliar, o racismo vem de encontro as conveniências do sujeito preconceituoso e é utilizado como máquina de produção do outro diferente conhecido e assimilável. Neste viés, a função do racismo é inferiorizar e fixar o outro em espaços preestabelecidos e governável. O outro, agora normalizado, encaixadas em estereótipos, aniquilado em sua alteridade, como diz o autor: “A necessidade de construção do outro não resulta

de uma posição ingenuamente egocêntrica e/ou etnocêntrica e/ou falocêntrica da mesmidade: Além disso, uma necessidade de matar (física e materialmente) e “matar” (simbólica e metaforicamente) o outro” (SKLIAR, 2004, p. 85)

Dando prosseguimento as propostas iniciais, o autor apresenta a questão da tolerância, vista sob a ótica de diversos filósofos, mas se atém a conceitos de Michel Walzer (1998), a vê em três possibilidades: primeiro como esgotamento, cansaço das matanças e dos massacres entre os povos; segundo de forma mais relaxada, como indiferença à diferença e por último, como reconhecimento, que o outro possui direitos.

Após ponderar sobre o outro, o racismo e a tolerância, Skliar apresenta razões lógicas sobre a educação como vetor de outras possibilidades de refletirmos sobre o outro, de aprendizagem com experiências diversas e de respeito com e do outro. O autor do capítulo, por fim nos deixa o seguinte questionamento: “Poderá a escola, alguma vez, algum dia, pensar e sentir o “outrem” e não mais esse “outro” sempre fabricado, produzido e inventado a sua imagem e semelhança?” (SKLIAR, 2016, p. 79).

“O Estrangeiro, o Racismo e a Educação” de Caterina Koltai, compõem o livro como o terceiro capítulo. A autora, psicanalista, trabalha as questões do título, sob os preceitos de Freud e sua grande descoberta, “o homem é impelido por algo que lhe é estrangeiro, que não é integrado em si mesmo e que, no interior de seu aparelho psíquico, vive com inquietação o sofrimento do que lhe é estrangeiro” (KOLTAI, 2016, 82)

Descreve um pouco da construção do outro, do estrangeiro pela psique humana, desde seus primeiros meses de vida, quando o outro ainda é nosso espelho, passando pela infância se manifestam os primeiros recuos frente ao desconhecido e em como a desconfiança e temor ao estrangeiro é socialmente construído e atingindo, por fim, a fase do indivíduo narcisista, intolerante e hostil ao estrangeiro.

Diante dos preceitos de Freud, se reúne a ele no capítulo Lacan, que une narcisismo e agressividade, surgindo a rivalidade e assim, o racismo. O racismo, visto por Koltai, como “o ódio do outro” e que para o racismo, o estrangeiro ser diferente de si, é insuportável, principalmente em uma sociedade que busca a uniformização.

A paisagem de uma sociedade globalizada, que traz o estrangeiro para perto, mesmo que não queira a convivência da diferença, é passível de ser colocada no sob o escrutínio de um psicanalista, mas ao mesmo tempo impossível de ser feito. Neste contexto, aflora a educação, entendida como possibilidade de gerar autonomia nos indivíduos e que estes possam agir, após refletirem e deliberarem sobre os discursos impostos. Caterina Koltai, encerra seus escritos,

falando do papel do professor, como aquele capaz de “despertar na criança tanto o amor pelo que aprende quanto pelo próprio processo de aprendizagem” (KOLTAI, 2016, p.89).

O capítulo 4 – “E se o Outro é o Professor? Reflexões Acerca do Currículo e Histórias de Vida” de Maria do Carmo Martins, dá prosseguimento as reflexões sobre o professor, levantando questões relativas a imperiosa necessidade deste profissional ser visto como sujeito de direitos, capaz de promover e ser articulador de mudanças.

A autora, com base em estudos de Goodson (1995) e Holly (1995), levanta questões relacionadas ao fato que é preciso ampliar estudos sobre a relação das mudanças educacionais e a história de vida do professor, pois sua identidade e estilo de vida impactam diretamente estas mudanças.

Através da reflexão que a educação é espaço privilegiado de mudanças, Goodson (2000) alerta para a necessidade de contextualização das tentativas de mudança e dos novos espaços de atuação do professor.

O capítulo de Walter Omar Kohan – “Sócrates e Foucault Professores: entre o ensino do já sabido e a busca por ensinar diferentemente” – aborda questões filosóficas sobre o “ensinar”, para isto percorre o espaço tempo e retorna a Grécia antiga de Sócrates, Aristóteles, Cálicles e outros para levantar contrapontos entre a filosofia de ensinar de Aristóteles e Foucault.

Kohan pontua que desde Sócrates, “a filosofia não pode deixar de se perguntar” e que o preceito básico socrático e mantê-la no reino das perguntas. Assim, Sócrates, na educação, está relacionado a pedagogia da pergunta do diálogo. Contudo, Walter Omar Kohan pede cuidados com Sócrates, principalmente em posturas em que o filósofo greco auxilia, da a mão a discípulos para conduzi-los ao aprendizado, reconhecem o que Sócrates quer que reconheçam e devem “ocupar-se de si mesmo”. Assim, Sócrates, pode não ser uma ilustração de interessante educador, na avaliação do autor.

Contrário a esta postura de ocupar-se de si, governar-se a se mesmo, surge Foucault, que inverte a posição socrática e prega a busca do perder-se, do desapropriar-se de si, do (des) encontra-se. Sua postura frente ao ensinar, aborda o “abandonar o que se é, de abrir espaço para ser o outro do que se é” (KOHAN, 2016, p. 114).

Alfredo Veiga-Neto, escreve o capítulo 6 – “Nietzsche e Wittgenstein: alavancas para pensar a diferença e a pedagogia”, trabalhando com dois filósofos que aparentemente não conversam entre si. Contudo o autor conseguiu aproximá-los através de seus apontamentos sobre a linguagem. Em Nietzsche e Wittgenstein, pontua:

[...] de que a linguagem é insuficiente, isso é, ela não dá conta dela mesma. Isso é assim porque só se pode falar nela e dela a partir de dentro dela mesma, de modo que, não havendo um outro lugar de onde falar que não seja um lugar de

linguagens - pois o falar já é uma atividade linguageira, já é da ordem das próprias linguagens -, não é possível ir além dela (VEIGA NETO, 2016, P. 121)

O autor do capítulo, também os uni frente a visão que tem sobre a pedagogia, ambos dessacralizam e com isto revigoram a Pedagogia, pois nos colocam novos desafios ao pensarem uma outra Pedagogia, fora do mundo posto. Assim, usando de “jogadas” de linguagem, Alfredo Veiga-Neto traz a questão da diferença à tona. Se somos um mundo babélico, o que é a diferença?

O Capítulo 7 – “Infâncias e Cultura: semelhanças e diferenças” de Angel Pino, inicialmente trabalha com as construções historicamente construídas de concepções de idades, Jovem/adulto anciãos, até pontuar como o conceito de infância é uma invenção moderna. O autor emprega a noção de construção social para introduzir a questão da maleabilidade da natureza humana, que permite que as sociedades intervenham na infância e na construção do indivíduo.

Pino alerta para a multiplicidade de rostos que configuram a infância na modernidade, ou seja, não se pode pensar em infâncias semelhantes. Todas as questões sociais modernas (fome, desigualdade, violência e outros), são refletidos nestes múltiplos e multiformes rostos que fazem parte do quadro moderno da infância.

Em “O Debate Sobre o Fim da Infância e a Psicanálise: da Pedagogia moderninha à renúncia educativa”, Leandro de Lajonquière utiliza preceitos da psicanálise para trabalhar a questão da infância. O autor pontua que a criança ao adentrar ao mundo, este já é habitado por adultos, que necessitam readequar este mundo, pois com a chegada do novo indivíduo a diferença se instala e que o mundo adulto prevê o tempo de espera para que estas crianças respondam a demanda do adulto.

Neste contexto surge a educação, que irá transmitir marcar simbólicas e construir a criança para atuar no mundo adulto. Para uma busca de reflexão, sobre a educação, Lajonquière diz:

O folclore escolar “tradicional” se preza tanto adulterador quanto adultizante. Ele se reduz à fórmula: “Ei, menino, faça de conta que é adulto!”. Assim, a legalidade escolar ao mesmo tempo que reconhece a diferença adulto/criança, a denega, uma vez que interpela a criança num lugar não mais familiar, não infantil. O mundo, aquele outro de verdade verdadeira, como dizem as crianças. O professor aparece aos olhos infantis como o embaixador desse outro mundo, encarregado de nele introduzir as crianças segundo uma dosagem e tempo escolar. A escola “tradicional” chama à ordem seus alunos se valendo da pergunta retórica seguinte: “Onde pensa que você está?”. Ou seja: “Atenção aí!... você não está na sua casa, está num cenário público onde as infantilidades não devem ser dadas a ver”. As infantilidades devem ser esquecidas em casa. Não só a criança não deve levá-las à escola, quanto esta não deve se preocupar com elas. (LAJONQUIÈRE, 2016, p. 153)

Dessa forma, muito cedo, a maioria das crianças se vê “obrigada a entregar suas infantilidades a um leque de profissionais psi que todo o veem e todo o sabem” (LAJONQUIÈRE, 2016, p. 154, grifo do autor).

Por fim, chegamos ao último capítulo do livro, “Pistas em Repentes: pela reinvenção artística da educação, da infância e da docência” de Sandra Mara Corazza. Seguindo das lições de Freud, a autora pontua a todo uma construção de fatos que ao final designa a criança como a imortalização do adulto e discursos são construídos e difundidos como verdades. Disto, surgem práticas culturais e educativas, que interferem em sua formação e perspectivas futuras.

Assim sendo, a professora Sandra Corazza, considera o verbo “artistar” para ressignificar o fazer do professor:

Para artistar a infância e sua educação, é necessário fazer uma docência à altura, isto é, uma docência artística. Modificar a formação do intelectual da educação, constituindo-o menos como pedagogo, e mais como analista da cultura, como um artista cultural, que já tem condições de pensar, dizer e fazer algo diferente [...]. Docência que, ao exercer-se, inventa. Re-escreve os roteiros rotineiros de outras épocas. [...] Dispersa a mesmice e faz diferença ao educar as diferenças infantis. (CORAZZA, 2016, p.163)

Esse ótimo livro, no sentido de colocar em debate concepções teóricas de autores diversos, é uma forma de manter viva não só o debate, mas, pode vir a abrir discussões sobre as ideias e conceitos sobre preconceito, racismo, poder, inclusão e educação e, além de instigar novas formas de pensar a educação e o processo de exclusão posto na sociedade.

Trata-se de uma obra pensada para mostrar aos leitores as diversas formas de construção de discursos excludentes e preconceituosos, postos historicamente. Enfim, recomenda-se o livro por este ir além de mostrar simplesmente conceituação, mas por trazer reflexões pertinentes sobre preconceito, a partir do momento em que estão envolvidos autores com vasta experiência em pesquisa e estes, se posicionam criticamente frente ao racismo e seu processo de formação sócio-histórica até a contemporaneidade.